

**REBENA**  
**REVISTA BRASILEIRA DE ENSINO E APRENDIZAGEM**  
**V.3 (2022)**

**INFLUÊNCIA SOCIAL: A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA  
APRENDIZAGEM DOS FILHOS**

SOCIAL INFLUENCE: Family participation in children's learning

**Antonio Fernando Santos<sup>1</sup> Izomar da Silva Oliveira<sup>2</sup>  
João Fernando Costa Júnior<sup>3</sup> Norberto Huber<sup>4</sup>**

**RESUMO**

A presente pesquisa tem como objeto de estudo versar sobre o fenômeno da participação familiar no processo de ensino e da aprendizagem, bem como discorrer sobre a interação da família e escola em todo o Processo Pedagógico. Aborda-se aspectos familiares da formação histórica e cultural do discente com vistas a compreender os paradigmas atuais que envolvem a relação entre escola e família. Pontuam-se, também, aspectos dos atores sociais da instituição escolar que dinamizam a interação neste processo. Torna-se imprescindível que escola e família alcancem a principal meta que é proporcionar aos estudantes o ensino e uma educação de qualidade. Objetiva-se a realizar uma abordagem bibliográfica deste fenômeno para melhor entender as evidências ocorridas nessas duas instituições verificando o que as fazem interagir. Compreende-se que o processo educativo não é função apenas dos professores e da escola, mas, compete também à família, esta última responsável pelos valores primários, éticos e morais do indivíduo. A proposta desta pesquisa é perceber a participação da família, como instituição social, na aprendizagem dos seus filhos, porque nos parece saltar aos olhos a carência de ambientes familiares adequados e comprometidos com a formação das crianças e adolescentes. Além disso, investiga-se a influência desta parceria como contribuição na melhoria da qualidade do ensino. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa exploratória, buscando reunir algumas abordagens significativas e proporcionar uma reflexão sobre autores contribuintes com o tema.

**Palavras-Chave:** Participação da Família, Escola, Aprendizagem

**ABSTRACT**

This research aims to study the phenomenon of family participation in the teaching and learning process, as well as to discuss the interaction between family and school throughout the Pedagogical Process. It approaches family aspects of the historical and cultural formation of the student in order to understand the current paradigms that involve the relationship between school and family. It also points out aspects of the social actors of the school institution that make the interaction in this process more dynamic. It is essential that school and family achieve their main goal, which is to provide students with a quality education. The aim is to conduct a bibliographic approach to this phenomenon in order to better understand the evidence that occurs in these two institutions, checking what makes them interact. It is understood that the educational process is not only a function of the teachers and the school, but also of the family, which is responsible for the primary, ethical, and moral values of the individual. The purpose of this research is to understand the participation of the family, as a social institution, in the learning of their children, because it seems to us that there is a lack of adequate family environments committed to the education of children and adolescents. In

<sup>1</sup> Universidad Tecnológica Intercontinental. [fernando.pedagogo@gmail.com](mailto:fernando.pedagogo@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidad Tecnológica Intercontinental. [izomar.utic.doutorado@gmail.com](mailto:izomar.utic.doutorado@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidad Tecnológica Intercontinental. [joaofernando@espiritolivre.org](mailto:joaofernando@espiritolivre.org)

<sup>4</sup> Universidad Tecnológica Intercontinental. [rieghuber@gmail.com](mailto:rieghuber@gmail.com)

addition, we investigate the influence of this partnership as a contribution to improving the quality of education. The methodology used is bibliographic research, of exploratory qualitative approach, seeking to gather some significant approaches and provide a reflection on authors who contribute to the theme.

**Keywords:** Family Participation, School, Learning

## 1. Considerações Iniciais

Esta pesquisa intenciona compreender os efeitos sociais no processo de ensino e da aprendizagem ante as carências e ausências de famílias e responsáveis no contexto da educação contemporânea, destacando a realidade social, econômica, cultural e a sobrecarga de anseios consumistas gerados pelo sistema capitalista, a qual apresenta vários desafios. Neste contexto é importante entender como estas mudanças afetam e modificam o papel do professor, da escola e da família, sobretudo no que se refere à participação efetiva nos processos de ensino e aprendizagem das crianças. Precisamos entender que educar não é uma função exclusivamente escolar, é a associação dos diferentes agentes formadores do universo do educando que vai proporcionar formação adequada e multidisciplinar.

A proposta desta pesquisa, parte da problemática de qual real participação da família na aprendizagem dos filhos? Consideramos que tal situação está elencada em perceber a ausência da instituição familiar na educação primária e secundária como forma institucional, porque de fato, nos parece saltar aos olhos a carência de ambientes familiares adequados e comprometidos com a formação das crianças e jovens.

Este estudo de pesquisa pretende abordar a interação entre a Família e a Escola no processo pedagógico de ensino aprendizagem, partindo de suas funções sociais distintas, na busca por assegurar uma educação de qualidade aos alunos. Nesse cenário, temos como objetivo compreender a real participação da família na aprendizagem dos filhos, o qual tem como finalidade a partir dessa compreensão, contribuir socialmente para melhoria dessas aprendizagens e incentivar demais segmentos familiares a participarem efetivamente nos processos de ensino e aprendizagem dos filhos. Para isso, nortearam esta pesquisa científica os seguintes objetivos específicos:

- Analisar a participação da família na aprendizagem dos filhos;
- Destacar os benefícios dessa participação no processo de aprendizagem;
- Identificar os efeitos do desenvolvimento no aluno acompanhado pela sua família nos processos de aprendizagem.

Com base nos questionamentos sociológicos sobre a participação da família na aprendizagem do seu filho, que segundo Osório, 1996:

Costuma-se dizer que a família educa e a escola ensina, ou seja, à família cabe oferecer à criança e ao adolescente a pauta ética para a vida em sociedade e a

escola instruí-lo, para que possam fazer frente às exigências competitivas do mundo na luta pela sobrevivência. (OSÓRIO, 1996, p.82).

Torna-se notório a importância da participação e o acompanhamento da família nos processos de ensino aprendizagem dos seus filhos, até porque, como a família é o primeiro meio social ao qual a criança é inserida, sendo assim, é nesse ambiente social familiar na qual ocorrerá a sua iniciação educacional primária, e as primeiras contribuições para formação do seu currículo oculto.

Para construção desta monografia compilada a qual se serve da técnica de agrupamento de informações, foi utilizado o método da pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa exploratória, buscando reunir algumas abordagens significativas e refletir sobre autores contribuintes com o tema, feitas em artigos, livros de autores renomados e periódicos científicos da atualidade. Segundo Rodrigues, 2011, p. 60:

A pesquisa bibliográfica é realizada com o objetivo de explicar um problema através de referenciais escritos. Pode constituir-se como um trabalho em si mesmo ou como parte da pesquisa descritiva ou explicativa. Ela deve ser elaborada obedecendo à normas oficializadas e procedimentos metodológicos e possibilitar o pensar crítico, reflexivo, analítico e sistemático..

Para Gil (1999), “considera que a pesquisa exploratória tem como objetivo principal desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. Segundo o autor, estes tipos de pesquisas são os que apresentam menor rigidez no planejamento, pois são planejadas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. No que se refere à formatação deste trabalho, utilizamos as regras estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas e Técnicas - ABNT.

## 2. Desenvolvimento

Libâneo (2001) acerta ao descrever o termo educação, afirmando que se trata de um complexo conjunto de processos, influências, estruturas e ações.

Educação compreende o conjunto dos processos, influências, estruturas e ações que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais, visando a formação do ser humano. A educação é, assim, uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal. (LIBÂNEO, 2001, p. 160).

Logo, a educação também pode ser definida como sendo o processo de socialização dos indivíduos. Ao receber educação, o indivíduo assimila e adquire conhecimentos. O processo educativo acaba por ser materializado em uma série de habilidades e valores, que ocasionam mudanças intelectuais, emocionais e sociais no indivíduo. De acordo com o grau de sensibilização alcançado, tais valores podem durar toda uma vida ou apenas durante um determinado tempo.

Como aponta CHARLOT (2000) ao ser destacado por LIBÂNEO (2005), a educação é, portanto, o processo por meio do qual um certo membro da espécie humana, desprovido de instintos e capacidades que lhe permitiria sobreviver rapidamente sozinho, se apropria, graças à mediação dos adultos, de um patrimônio humano de práticas, saberes, formas subjetivas e obras. Tal apropriação lhe permite se tornar, ao mesmo tempo, e no mesmo movimento, um ser humano, membro de uma sociedade e de uma comunidade, e um indivíduo singular, considerado absolutamente um ser original. Deste modo, a educação é um triplo processo de humanização, socialização e singularização. Importante ressaltar ainda, que esse triplo processo só é possível mediante a apropriação de um patrimônio humano. Dito isso, pode-se afirmar que a educação é cultura, em três sentidos que não podem ser dissociados. (CHARLOT, 2000 Apud LIBÂNEO, 2005, p. 23).

Assim é definida a educação e sua função social por um dos fundadores da Sociologia, Émile Durkheim (1858-1917), em seu livro *Sociologie et éducation*, publicado postumamente, em 1922:

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não se encontram preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina. (...) No homem [diferentemente do que acontece entre os animais], as aptidões de todo o gênero que a vida social pressupõe são muito complexas para (...) materializarem-se sob a forma de predisposições orgânicas. Disso se depreende que elas não podem ser transmitidas de uma geração a outra por meio da hereditariedade. É pela educação que se faz a transmissão. (DURKHEIM [1922], 1978, p. 41)

Diante de tal definição que, sob a ótica durkheimiana, fica expressa as bases para que a educação seja considerada uma prática social, um fenômeno eminentemente social.

A educação para Durkheim se apresenta com as características de uma ciência (DURKHEIM, p. 77, 2013).

De fato, a educação vigente em determinada sociedade e considerada em determinado momento de sua evolução é um conjunto de práticas, maneiras de agir e costumes que constituem fatos perfeitamente definidos e tão reais quanto os outros fatos sociais. (DURKHEIM, p. 78, 2013).

Durkheim reforça a relação educação/sociedade ao apontar a impossibilidade de alguém tentar incutir determinada educação a um filho que não obedeça ao conjunto de regras vigentes na sociedade.

Não adianta acreditar que podemos educar nossos filhos como quisermos. Somos obrigados a seguir as regras reinantes no meio social em que vivemos. A opinião nos impõe este comportamento, e a opinião é uma força moral cujo poder opressivo não é menor do que o da força física. (DURKHEIM, p. 78, 2013).

Durkheim propõe que é na perspectiva social que habitam as diretrizes que irão nortear um sistema educacional e isto afetará diretamente os métodos e a natureza das ações a serem impressas em termos de práticas educacionais.

Se a sociedade se orientar, por exemplo, em um sentido individualista, todos os processos educacionais que possam reprimir o indivíduo e ignorar sua espontaneidade interna serão considerados como intoleráveis e reprovados. Se ao contrário [...] ela sentir novamente a necessidade de impor um conformismo mais rigoroso a todos, será proibido tudo o que possa provocar além da conta a iniciativa da inteligência. (DURKHEIM, p. 117, 2013).

É através do conjunto de elementos sociais e também da natureza humana que seja traçado um ideal de indivíduo (DURKHEIM, p. 113, 2013). Neste sentido, o papel da sociologia é determinar os fins que a educação deve buscar (DURKHEIM, p. 114, 2013).

[...] já que os fins da educação são sociais, os meios pelos quais estes fins podem ser alcançados devem necessariamente ter o mesmo caráter. E, de fato, dentre todas as instituições pedagógicas, talvez não haja nenhuma que não seja análoga a uma instituição social, cujos aspectos principais ela reproduz de forma reduzida em como que abreviada. Tanto na escola quanto na cidade, impõem-se uma disciplina. As regras que fixam os deveres dos alunos são comparáveis às que prescrevem a conduta dos homens feitos. (DURKHEIM, p. 116, 2013).

Para Durkheim, ser livre na concepção de sociedade, "significa ter autocontrole e agir guiado pela razão e cumprir o seu dever" (DURKHEIM, p. 73, 2013).

A criança deve, portanto, estar acostumada a reconhecer a autoridade na palavra do educador e a respeitar a sua superioridade. Esta é a condição para que mais tarde ela a reencontre sem sua consciência e acate o que ela prescrever. (DURKHEIM, p. 73, 2013).

Mas é necessário entender a influência da sociedade na formação humana. Logo, a família deve se comprometer com seu papel neste processo. A família não é um ente neutro e nem deve atribuir à escola suas atribuições acerca da base social de seus filhos. A sociedade não somente eleva o tipo humano à dignidade de modelo para o educador reproduzir, como também o constrói [...] de acordo com suas necessidades" (DURKHEIM, p. 107, 2013).

O homem que a educação deve realizar em nós não é o homem tal como a natureza criou, mas sim tal como a sociedade quer que ele seja; e ela quer que ele seja da forma exigida pela sua economia interior. A prova disto é a maneira como a concepção do homem variou conforme as sociedades. (DURKHEIM, p. 107, 2013).

Para Durkheim, o papel da sociedade a respeito da educação é tão marcante que pode se observar a "iniciação" como elemento final da educação e como rito de passagem para que o indivíduo possa ser, de fato, inserido na sociedade, ocupando assim um lugar específico (DURKHEIM, p. 111, 2013). Tal declaração atesta a ideia de que, para o autor, a educação prepara seres humanos gerando seres sociais.

Conforme o Funcionalismo, teoria da qual Émile Durkheim faz parte, vale salientar que os grupos sociais não funcionam isoladamente e quando um, deixa de funcionar todos sofrem danos. Podemos citar como exemplo a família e as instituições de ensino.

Tal teoria nos leva à compreensão da importância que cada indivíduo, cada grupo e cada instituição têm na sociedade. Destaca-se neste caso, a escola e demais instituições de ensino, por se tratar de um dos primeiros grupos sociais que o indivíduo participa, ficando atrás apenas do seio familiar, o primeiro grupo social em que a criança faz parte.

Como pesquisadores e professores, atentamos a esta teoria porque a mesma nos leva a uma visão mais holística de sociedade, de fatos, de pessoas, de responsabilidades, de funções, de papéis, ou seja, somos protagonistas e fazemos parte de uma sociedade que está em um iminente processo de evolução.

Conforme Barros (1998, p.46), a aprendizagem pode ser distinguida em casual e organizada. Enquanto a aprendizagem casual ocorre de forma espontânea, surgindo de forma natural, através da interação entre indivíduos e no ambiente em que estes vivem. Ela ocorre pela convivência social, através da observação de objetos e acontecimentos, com o contato com os meios de comunicação, conversas, observações e leituras. Por meio disso, as pessoas tendem a acumular experiências, adquirindo assim conhecimentos, formando atitudes e convicções.

A aprendizagem organizada é aquela que tem por finalidade específica aprender determinados conhecimentos, habilidades e normas de convivência social. Embora isso possa ocorrer em vários lugares, é na escola que são organizadas as condições específicas para a transmissão e assimilação de conhecimentos e habilidades. Esta organização intencional, planejada e sistemática das finalidades e condições da aprendizagem escolar é tarefa específica do ensino. (BARROS, 1998, p.64).

Já a aprendizagem escolar é um processo de assimilação de determinados conhecimentos e modos de ação física e mental, organizados e orientados no processo de

ensino. Os resultados da aprendizagem se manifestam em modificações na atividade externa e interna do sujeito, nas suas relações com o ambiente físico e social (BARROS, 1998, 62).

### 2.1. Família e a Escola como Instituições Sociais e seus papéis

Considera-se que as instituições são encontradas em todas as sociedades (SOUTO, 1985). Mesmo levando em conta as diferenças entre os grupos sociais e, em uma escala mais ampla, a diversidade cultural existente entre os povos, pode-se afirmar que as instituições ainda se fazem presentes como veículos que normatizam opiniões e atitudes sendo, deste modo, guias práticos para as ações dos indivíduos em suas relações sociais.

Hegel deu um importante destaque às instituições, colocando-as na posição de fundadoras da sociedade (LOURAU, 1996), ficando evidente portanto que, sem as instituições a vida social seria simplesmente impossível, uma vez que elas servem de fonte norteadora para o que se é permitido ou não e são elas que limitam a ação do indivíduo dentro de um espectro em que a racionalidade seja valorizada. Assim, entende-se que, sem as instituições o ser humano viveria na natureza, levado apenas por seus instintos mais básicos: sede, fome, sexo, descanso. Portanto, as instituições são criações humanas para regulação de seu convívio social, ou, nas palavras de Durkheim (apud SCOTT, 1996, p. 10), "são produtos da interação humana".

A abordagem histórica e cultural visa entender as transformações paradigmáticas ocorridas nessas duas instituições – escola e família – evidenciando ausências recíprocas de ambas, além de constatar a importância desta parceria como contribuição para uma melhora na qualidade de ensino, podendo assim propor atuações para as escolas e famílias apoiarem uma a outra na educação das crianças conforme as postulações de Aranha, 1989, p. 75:

É preciso compreender a família como um fenômeno historicamente situado, sujeito às alterações, de acordo com as mudanças das relações de produção estabelecidas entre os homens [...] É evidente que as funções da família vão depender do lugar que ela ocupa na organização social. (ARANHA, 1989, p. 75).

Observa-se que nos últimos anos busca-se melhorias na educação com projetos e programas para aproximar as famílias das escolas através de oficinas que trabalham com esporte, cultura e saúde. Cita-se como exemplo o Plano de Mobilização Social pela Educação elaborado pelo (MEC), que tem como fundamento a educação como um direito e dever das famílias, tendo em vista: PNE - Plano Nacional de Educação – SASE (Secretaria



de Articulação com os Sistemas de Ensino) promove agenda sobre Mobilização Social pela Educação:

a) As famílias e responsáveis pelas crianças, adolescentes e jovens têm o direito de reivindicar que a escola dê uma educação de qualidade para todos e cada um de seus alunos. Podem e devem cobrar providências medidas e ações para que isso ocorra. b) As famílias e responsáveis pelas crianças e jovens têm o dever de ajudar a escola em casa, criando disciplina e rotinas de estudo. c) As famílias e responsáveis têm o dever de se aproximar da escola. (PNE - Plano Nacional de Educação - SASE promove agenda sobre Mobilização Social pela Educação.)

Essas demandas clamam por políticas públicas para contemplar nas instituições formais o profissional da ciência psicológica para interferir e potencializar melhorias no processo de aprendizagem. Por isso, é necessário a interação entre ambas, promovendo uma maior eficiência na educação e ensino das crianças, como sustenta OSÓRIO:

Costuma-se dizer que a família educa e a escola ensina, ou seja, à família cabe oferecer à criança e ao adolescente a pauta ética para a vida em sociedade e a escola instruí-lo, para que possam fazer frente às exigências competitivas do mundo na luta pela sobrevivência. (OSÓRIO, 1996, p.82).

Na família, a falta de tempo para ouvir e dialogar, o estresse do dia a dia, o acúmulo de responsabilidades e até mesmo a falta de interesse são os motivos que levam os pais a se ausentar do processo educativo dos filhos. A família transfere para a escola a responsabilidade de instruir e educar seus filhos e espera que os professores transmitam os valores morais, princípios éticos e padrões de comportamento, limites, desde boas maneiras até hábitos de higiene pessoal e de relacionamento interpessoal. Quando a parceria entre a família e a escola falha, o desenvolvimento do indivíduo tende a ser pouco eficiente. Segundo Oliveira, afirma:

Quando a criança sente a ausência da família em sua vida escolar são inúmeras as consequências, por exemplo, o baixo rendimento, a dificuldade de aprendizagem, a falta de interesse com as atividades propostas, mudanças no comportamento se tornando, na maioria das vezes, agressivo ou apático. (OLIVEIRA, 2010, p. 17)

A escola como mediadora do conhecimento científico e através do seu papel social, deve fornecer e promover nessa relação, todo seu potencial de conhecimento de forma que esse esforço leve em consideração os aspectos particulares nas dimensões sociais e culturais, sugerindo e interagindo de forma a fornecer elementos que através de discussões e ampla comunicação com os educadores promovam as iniciativas que vão ao encontro às necessidades dos educandos, de acordo com (PIAGET, 1972 Apud JARDIM, 2006, p. 50).



Uma ligação estreita e contínua entre os professores e os pais leva, pois, a muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades. (JARDIM, 1972, p. 50).

É necessário uma abordagem individualizada dessas duas instituições para uma melhor compreensão de suas realidades e perceber a influência da relação família escola no contexto da educação brasileira na contemporaneidade. Deste modo, Vygotsky atesta a necessidade de se ampliar a influência da participação dos pais e familiares do educando no processo de aprendizagem. Ainda, é possível pontuar os aspectos relevantes acerca da participação da família na vida da criança e de como tal participação pode proporcionar novos caminhos para o aprender. Segundo Palangana (1998, p. 82):

(...) Vygotsky defende o princípio de contínua interação entre as mutáveis condições sociais e a base biológica do comportamento humano. Ele observou que a partir das estruturas orgânicas elementares, determinadas basicamente pela maturação, formam-se novas e mais complexas funções mentais, dependendo da natureza das experiências sociais a que as crianças se acham expostas. Os fatores biológicos preponderam sobre os sociais apenas no início da vida. Aos poucos, o desenvolvimento do pensamento e o próprio comportamento da criança passam a ser orientados pelas interações que esta estabelece com pessoas mais experientes. Logo, a maturação por si só não é suficiente para explicar a aquisição dos comportamentos especificamente humanos. (PALANGANA, 1998).

Conforme Oliveira & Davis (1994, p. 51):

Ao reconhecer a imensa diversidade nas condições histórico-sociais em que as crianças vivem, Vygotsky não aceita a possibilidade de existir uma seqüência universal de estágios cognitivos, como propõe Piaget. Para Vygotsky, os fatores biológicos preponderam sobre os sociais apenas no início da vida das crianças e as oportunidades que se abrem para cada uma delas são muitas e variadas, adquirindo destaque em sua teoria, as formas pelas quais as condições e as interações humanas afetam o pensamento e o raciocínio. (OLIVEIRA & DAVIS, 1994, p.51).

De fato, esclarece-se ainda que, com a convivência familiar, os fatores que fazem frente ao processo de aprendizagem da criança se ampliam, uma vez que o ato de aprender vai além do que o professor diz em sala de aula. É justamente por isso que, sem o comprometimento dos pais nesse processo, as chances do que se é visto em sala pelo aluno simplesmente se perca. Neste sentido, os pais podem e devem servir de reforçadores do que é vivenciado pelo aluno em sala e ampliadores de tais conhecimentos. Assim, para Vygotsky, a formação dos conceitos está ligada às relações entre o pensamento e a

linguagem, e deste modo, à questão cultural no processo de construção de significados pelos indivíduos.

Cientes que o espaço escolar está em dissonância em relação às mudanças atuais e insiste em resistir às transformações, é importante levar em conta a necessidade de um mediador no processo de acesso ao conhecimento e que, de certo modo, conheça a realidade do seu aluno. A família, por sua vez, deve fazer o papel que lhe cabe, acompanhando a vida escolar dos filhos. Assim como a família tem o seu papel fundamental como alicerce na vida da criança, os educadores são figuras relevantes e necessárias no processo, havendo, entretanto, a necessidade de que estes sejam capazes de atuarem com relevância em suas atividades didáticas com vistas às necessidades dos educandos.

Ajustar sua didática às novas realidades da sociedade, do conhecimento, do aluno, dos diversos universos culturais, dos meios de comunicação, [...] agir capacidade de aprender a aprender, competência para agir em sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional, saber usar meios de comunicação e articular as aulas com as mídias e multimídias. (LIBÂNEO, 2011, p.12)

Vygotsky destaca que a independência no que se refere a aplicabilidade do que se é aprendido, ocorre naturalmente, partindo do pressuposto que o aprendizado deve ser orientado para o futuro:

O que a criança é capaz de fazer hoje em cooperação, será capaz de fazer sozinha amanhã. Portanto, o único tipo positivo de aprendizado é aquele que caminha à frente do desenvolvimento, servindo-lhe de guia; deve voltar-se não tanto para as funções já maduras, mas principalmente para as funções em amadurecimento. (...) o aprendizado deve ser orientado para o futuro e não para o passado. (VYGOTSKY, 1998 p. 130).

Com vista às inferências de VYGOTSKY em especificidade a citação acima, cabe-nos a pensar que a aprendizagem acontece de forma cooperativa em meios às adversidades, tendo-se em vista uma situação real vivenciada pelo indivíduo. Por esta ótica, deve-se pensar em didática como um processo que acontece em situações reais da vida humana. Assim, pode-se perceber que neste processo de aprendizagem o aluno é o responsável final da aprendizagem, na medida em que constrói e desenvolve o seu potencial humano, atribuindo sentido e significado aos conteúdos do ensino em sala de aula.

Vygotsky (2014, p. 14), afirma que:

[...] essa forma de ligação torna-se possível apenas graças à experiência alheia ou à socialização”, de modo que, sem a orientação de uma experiência alheia, não é possível alcançar um produto da imaginação que correspondesse à realidade. Tal movimento é essencial para a vida humana, pois promove uma ampliação da experiência. (VYGOTSKY, 2014 p. 14)

Nesta dimensão, o homem é um ser histórico em seu processo criativo e evolutivo. Desse modo, é imprescindível compreender que, no âmbito educacional, a escola deve disponibilizar meios que ampliem a experiência em seus diversos mundos e vivências, visto que, quanto mais elementos da realidade ele tiver à disposição, mais importante e produtiva será sua imaginação, criação e evolução.

## 2.2. Benefícios da participação familiar no processo de aprendizagem.

Diz respeito à presença, a participação e a interação da família com a escola no processo de aprendizagem que aponta reflexos de grande relevância na aprendizagem dos estudantes, pois tal interação está diretamente relacionada ao desenvolvimento dos mesmos, contribuindo para a formação integral, global. Essa relação exige um trabalho coletivo e contínuo entre as partes. A escola deve oferecer o espaço para a participação dos pais e estes colaborar com o planejamento e a gestão da aprendizagem dos seus filhos harmonicamente.

Segundo Gokhale:

A família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social. A educação bem-sucedida da criança vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo escolar. A família tem sido, e será, a matriz mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas. (GOKHALE, 1980 apud CASARIN, 2007).

Torna-se relevante ressaltar que a presença da família na escola fortalece os vínculos de afeto e simpatia. Percebe-se que os pais que são participativos no processo de ensino e aprendizagem conseguem manter um melhor relacionamento com todos os profissionais do ambiente escolar.

Ainda, frente às aferições de Piaget:

Uma ligação estreita e contínua entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...]. (2007, p.50).

Ainda, tratando-se sobre os benefícios da família no processo de ensino e aprendizagem é oportuno evidenciar que é uma oportunidade para os pais passarem um tempo a mais na escola. Para as famílias que têm suas ocupações sua exacerbada carga horária de trabalho às vezes não é fácil, porém é necessário que as famílias tenham um planejamento de rotina e inclua estratégias e dinâmicas para terem mais acesso a escola.

Desta forma, isso oportuna a compreenderam com perspicácia todo o processo de ensino da instituição.

Promover a participação da família na escola, as instituições de ensino realizam atividades ao longo de todo o ano, inclusive algumas abertas à comunidade. Sem dúvidas, esses momentos são oportunidades excelentes para que os pais passem mais tempo de qualidade junto aos filhos, o que geralmente é um desafio para muitas famílias. Em muitas dessas atividades, como festas, celebrações e feira de ciência, a família tem a chance de observar de perto o que a criança aprendeu e a interação dela com outros colegas e professores.

*<https://www.crescersempre.org.br/papel-dos-pais-na-educacao-dos-filhos/>*

Vale salientar neste contexto que quando as famílias estão mais presentes na escola as crianças sentem-se mais seguras, principalmente nas séries iniciais nas quais elas têm que conviver em ambientes nos quais não são familiarizadas e não se sentem seguras. Os pais nesta etapa de aprendizagem dos filhos tornam-se protagonistas de muita importância no processo.

Proporcionar segurança à criança que se sente mais segura quando a família também se faz presente na escola.

Para crianças pequenas isso ainda é mais importante, especialmente nos primeiros dias de adaptação ou quando elas mudam de escola. Afinal, a escola é um universo novo e tem uma dinâmica diferente daquela que a criança está acostumada em casa. Assim, quanto mais os pais participam da educação escolar dos filhos, mas eles vão se sentir apoiados e seguros para desenvolver suas habilidades.

*<https://www.crescersempre.org.br/papel-dos-pais-na-educacao-dos-filhos/>*

No que tange à participação da família, observa-se que quando a família é participativa na aprendizagem dos filhos a família consegue estimular as habilidades sociais desde a infância principalmente nos primeiros sete anos de vida. Este período é fundamental para desenvolver habilidades básicas como desenvolver uma boa caligrafia, raciocínio lógico, regras de jogos, contagem.

Estimular as habilidades sociais desde a infância, principalmente os primeiros 7 anos, é um período fundamental para o desenvolvimento de habilidades sociais.

Nessa fase, a criança começa a entender como conviver com outras pessoas e a viver em sociedade. Inicialmente, os pais são responsáveis por educar os filhos em casa nesse sentido, mas a escola também tem o seu papel ao longo deste processo. Assim, a presença da família na escola, seja ajudando a criança a cumprir com as atividades indicadas para fazer em casa ou promovendo uma boa convivência entre ela e demais integrantes da instituição de ensino, é um fator crucial para o estímulo das habilidades sociais.

*<https://www.crescersempre.org.br/papel-dos-pais-na-educacao-dos-filhos/>*

Outro aspecto de grande importância que percebemos quando a família é participativa é a disciplina das crianças. Percebe-se com clareza que as famílias participativas na aprendizagem dos filhos as famílias conseguem direcionar os filhos a boas condutas morais e ética. Tais indivíduos percebem desde cedo que vivemos em sociedade na qual tem suas regras e condutas estabelecidas.

Reduzir a indisciplina torna-se algo comum e que pode ser reduzida, entre outros aspectos, com a participação da família na escola.

Em primeiro lugar, uma boa relação dos pais com os professores e a coordenação, facilita a comunicação, especialmente diante de um problema de comportamento do aluno. Além disso, muitas vezes as crianças têm atitudes desrespeitosas e consideradas ruins para a convivência com professores e colegas, por falta de atenção ou por não se sentirem apoiados. Portanto, quando a família é participativa, ela passa a se sentir mais acolhida e, conseqüentemente, poderá melhorar o seu comportamento.

<https://www.crescersempre.org.br/papel-dos-pais-na-educacao-dos-filhos/>

Como vistas, a participação da família na escola a mesma proporciona muitos benefícios, tais como:

FAMÍLIA:	ALUNOS:	ESCOLA:
Melhora a comunicação com os profissionais de educação; Melhora a comunicação com os educandos; Melhora a compreensão sobre os programas escolares; Visão positiva sobre a instituição; Aumenta a confiança e a auto-estima; Aumenta o compromisso social e comunitário.	Aumento o sucesso escolar; Melhora a atitude sobre a escola; Permite adquirir mais habilidades sociais; Aumenta a probabilidade de continuar a escolaridade; Permite ter melhores hábitos de estudo; Diminuem os conflitos	Mais competente e eficaz; Ensino mais centrado no aluno; Maior relação com as famílias e com a comunidade; Professores mais satisfeitos e empenhados.

Fonte: Fernández (2011) citado por Barradas (2012, p.60).

Destaca-se, a concepção de Sousa & Sarmento (2010, p.150) ressaltam que:

A relação que existe entre a família e a escola sempre foi um “assunto polêmico”, uma vez que a escola culpa os pais pela “ignorância passiva” e por outro lado, a família culpa os professores por “hostilizar as percepções” dos mesmos.

A relação família escola em um contexto de significativa formação e eficiência carece de um novo olhar, de uma ressignificação em suas mais diferentes dimensões, indo da social, econômica, cultural e psicológica. Faz-se necessário também repensar e dialogar

na importância desta família e desta escola no que concerne aos alunos com necessidades educacionais específicas.

Os pais difíceis são aqueles que não possuem interesse pela educação escolar de seus filhos. Escolas difíceis de alcançar são escolas onde seus aspectos burocráticos estão para além de sua essência como instituição educativa, e, sobretudo, humana. E ainda nesta reflexão perpassa os argumentos de que a escola não esteja para todos visto que:

(...) A cultura escolar não é compreendida pelos pais com níveis baixos de escolaridade; muitos pais tiveram uma má experiência escolar (...); a escola raramente dispõe de espaços adequados e convidativos para receber os pais; a linguagem dos professores nem sempre é acessível aos pais com menores níveis de instrução; os professores chamam os pais à escola quase sempre quando há problemas. (Marques, 2001. p. 35)

Pensando nisso, a intenção é envolver pais, mães, responsáveis legais e toda a comunidade para que as crianças se desenvolvam em sua plena potencialidade.

### 2.3. A ausência familiar e seus efeitos

Quando a família se coloca à margem da educação de seus filhos, ficando alheia a um posicionamento mais adequado na formação dos menores, os efeitos negativos tornam-se evidentes e facilmente notados. No que se refere a permissividade e desinteresse, Tiba (1996) aponta que:

Recuperar a autoridade fisiológica não significa ser autoritário cheio de desmandos, injustiças e inadequações. O que verificamos atualmente é que um grande número de pais acreditam no falso mito da liberdade total. Libertam os filhos antes mesmo de eles terem criado asas para vôos mais altos, e o resultado disso é um comportamento desastroso na maioria das vezes. O adolescente que se deixa levar pelo impulso em direção ao prazer imediato (natural do ser imaturo) vai dirigir seu vôo para alturas inadequadas ao tamanho de suas asas, e, com certeza, se desorganizar e se ferir. E a permissividade dos pais será sentida como desinteresse, abandono, desamor, negligência. A família tem a função de sociabilizar e estruturar os filhos como seres humanos. A violência na infância e na adolescência, por exemplo, existe tanto nas camadas menos favorecidas como nas classes média e alta. O que faz a diferença é a capacidade da família estabelecer vínculos afetivos, unindo-se no amor e nas frustrações. (TIBA, 1996, p. 13)

La Taille destaca que a falta de imposição de limites tende a ser interpretada pelas crianças, adolescentes e jovens como simples "ausência" do educador.

Os adultos de hoje não têm mais tanta certeza de que sabem mais que seus filhos quais os caminhos que levam a felicidade e, portanto, colocam bem menos limites. Trata-se de uma posição honesta. Mas, em alguns casos, pode também tratar-se de uma posição covarde: ao dizer aos filhos "Façam o que quiserem", alguns adultos também lhes dizem de forma velada: "Virem-se, não tenho nada a ver com isso". A não colocação de limites pode ser prova de humildade como de descompromisso em relação aos filhos e ao futuro do

mundo. E verifica-se, hoje, que muitos jovens acabam se queixando da posição dos pais e educadores: o que poderia ser interpretado como generosidade libertária acaba sendo visto por eles como simples ausência. (LA TAILLE, 2008, p.64)

Conforme Dias (2010), às crianças e adolescentes pedem limites e estes os ajudam a organizarem suas mentes. Os adultos muitas vezes acabam não colocando limites porque assim é cômodo para eles. Colocar limites significa envolver-se, conter o adolescente e a criança, suportar suas reclamações e protestos, enfim, enfrentar as dificuldades.

Como destaca JARDIM (2006), a relação escola e família já vêm sendo muito discutida nos últimos tempos, mas a grande dúvida que permanece é delimitar adequadamente quais são os limites entre os deveres da família e os da escola, dado que não é a escola e sim a família que proporciona as primeiras experiências educacionais à criança.

O ambiente familiar é um dos primeiros ambientes de socialização do indivíduo, justamente por ser este o local que recebe a nova vida, neste caso, um bebê. É no seio paterno e materno que a criança irá receber os primeiros ensinamentos. Pai, mãe, irmãos e demais familiares normalmente acolhem os menores numa condição de cuidado, por isso, estes primeiros ensinamentos tendem a vir destes.

É o que também sustenta Dessen e Polonia (2007), ao afirmar ser a família como instituição social que, assim como outras (e em conjunto destas), busca garantir a continuidade no que se refere ao bem-estar dos seus membros e também da coletividade, incluindo assim, a proteção e o bem-estar da criança, nos mais indefesos neste caso. Vale ressaltar ainda que, independentemente do arranjo familiar, a família é fundamental para a sobrevivência e evolução de seus membros, atuando no desenvolvimento do indivíduo, formando personalidade e comportamentos, moldando a forma de viver e também no seu relacionamento com o mundo à sua volta.

Como primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva. (DESSEN e POLONIA, 2007, p. 23).

SANDI (2008), reforça ainda que é a família o berço para formação de regras:

A família é o berço da formação de regras, princípios e valores, outras instituições assim como a escola, possuem também papel muito importante nesta formação moral, a escola se organiza de forma democrática, oportunizando uma vivência cidadã. Dessa forma, promovem o nascimento



crescimento do respeito mútuo e o desenvolvimento da autonomia, ingrediente para formação moral. (SANDI, 2008, p.34).

É posto que o papel da família no processo educacional do indivíduo vai muito além da sua responsabilidade de inserir este mesmo indivíduo em uma determinada instituição escolar. Soares (2010) afirma que:

A família desempenha um papel decisivo na educação formal e informal dos filhos, além disso, no seu interior são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade e afetividade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais e criados os valores morais. (SOARES, 2010, p.4).

Haja vista que, quando a relação de parceria que envolve a família e a escola é falha, o desenvolvimento do indivíduo acaba por ser pouco eficiente. Oliveira (2010) aponta que:

Quando a criança sente a ausência da família em sua vida escolar são inúmeras as consequências, por exemplo, o baixo rendimento, a dificuldade de aprendizagem, a falta de interesse com as atividades propostas, mudanças no comportamento se tornando, na maioria das vezes, agressivo ou apático. (OLIVEIRA, 2010, p. 17).

Por outro lado, JARDIM (2006) destaca que, na verdade, a maior parte dos educadores acaba atribuindo aos pais a origem dos problemas escolares, e acusam como fator as mudanças na família, estabelecendo uma confusão de papéis e cobranças de ambas instituições, neste caso fundamentada pela falta de delimitação de atribuições e responsabilidades. Entende que, para ocorrer um aprendizado com qualidade e de modo significativo, é fundamental que essa parceria entre escola e família se estabeleça de forma sólida, responsável e efetiva, respeitando os limites de cada um e sua privacidade.

No que se refere às formas de participação na vida escolar por parte da família, Alves e Barbosa (2010) apontam que estar presente não se baseia em uma conversa com os professores, mas sim que estar presente na vida escolar deve começar em casa, ao mostrar a importância dos estudos, dos aprendizados obtidos na escola, ao acompanhar as tarefas escolares, incentivando a leitura regular e fazendo isso tudo com amor, diálogo e com aspectos lúdicos.

Ainda, no que se refere às formas de participação na vida escolar por parte dos pais e familiares, Alves e Barbosa (2010) apontam na direção de que os pais precisam compreender o que significa "estar presente na vida escolar do filho". Os autores destacam

que não basta deixar o filho na porta da escola, pagar a mensalidade de uma boa escola ou ainda dar o dinheiro da merenda.

Quanto a este assunto, os autores atestam que:

Estar presente é muito mais que uma conversa rara com os professores dos filhos. Na verdade, a presença na vida escolar começa em casa através de conversas informais sobre a importância dos estudos, o acompanhamento nas tarefas de casa, o incentivo à leitura com muito amor e diálogo mesclados com o lúdico que toda a criança adora. Os pais que se dizem presentes precisam compreender que o verdadeiro significado de presença na vida escolar, inicia-se com a presença na vida familiar. Os professores experientes percebem e diferenciam com precisão aqueles que são pais ausentes e os que são pais presentes através da rotina escolar das crianças. Há uma certa relatividade no sentido de presença no que se refere a estar presente fisicamente, mas ausente em suas responsabilidades como país. (ALVES; BARBOSA, 2010).

Através do ponto de vista de Dessen e Polonia (2005), devem os pais participem de forma ativa da educação escolar de seus filhos, participando e se envolvendo nas atividades ofertadas pela escola, com a finalidade de atingir o desenvolvimento global do filho.

No que tange às prováveis consequências que a ausência familiar tende a ocasionar para o processo educacional que envolve o aluno, Araújo (2010 apud DUARTE; FEITOSA, 2010), aponta que a ausência familiar na vida escolar da criança gera desânimo e desinteresse, por parte dos alunos, pela escola e isso pode ocasionar vários problemas educacionais. A autora ressalta ainda que a família precisa demonstrar consideração e respeito pelo ato de aprender e tudo o que o envolve e deve mostrar com atitudes o devido valor que dá à educação. Segundo a autora, tal atitude pode ser realizada por meio da presença e da participação na vida escolar dos filhos. A autora alerta que quando os pais não valorizam a escola, os alunos (seus filhos) tendem a não valorizar também, visto que os alunos copiam muitas das atitudes dos pais e com a escola não seria diferente. Logo, se os pais são intolerantes, os filhos vão levar essa atitude para dentro da escola também.

Apontando na mesma direção que Araújo e a reafirmando, Dessen e Polônia (2005), atestam em relação ao distanciamento da família na vida escolar dos filhos, que reage como um potencial provocador do desinteresse e da desvalorização de educação, dado que a família é vista como a impulsionadora da produtividade no espaço escolar. Varani e Silva (2010) também sustentam que a ausência da família na vida escolar dos filhos é um dos fatores que levam ao baixo desempenho escolar. Existem outros fatores que também influenciam no desempenho escolar das crianças, tais como o fator econômico, político, social e cultural.

### 3. Considerações Finais

Deve-se compreender que a efetiva participação na vida escolar dos filhos acontece quando temos o envolvimento dos pais com as atividades e tarefas oriundas da escola, através do incentivo por conversas sobre a escola e o que aconteceu ao longo do dia neste referido ambiente, através de visitas periódicas ao estabelecimento de ensino, além de estímulos para que as crianças e adolescentes despertem sua curiosidade, explorem seus potenciais e expressem suas ideias de forma livre.

É possível perceber que, além da análise da família como contexto de desenvolvimento poder ser considerada um fenômeno complexo, a fase de desenvolvimento escolar da criança, mais especificamente, também salienta a importância da família, ao ressaltar a influência de seus fatores, possibilitando ou prejudicando a adaptação a esse contexto.

Quando estas crianças ou adolescentes se sentem acolhidas por seus pais ou responsáveis, podem ser mais capazes, confiantes e, conseqüentemente, pode ter um comportamento mais cooperativo, com autocontrole, espontaneidade e uma maior disposição para aprender. Entende-se que na grande parte dos educandos que contam com a participação dos seus pais em seu processo de aprendizagem, demonstram melhores desenvolvimentos de suas competências e habilidades.

É de saber ainda que, o que as crianças presenciam e vivenciam em casa, acabam por levar para o ambiente escolar. Estas, quando não recebem a devida atenção que necessitam de pais e familiares, tendem a replicar este mesmo comportamento de descomprometimento para com a escola.

A aprendizagem da qual resgata esse estudo resulta do estímulo da família tanto da forma afetiva como emocional. Esse estímulo possibilitará à criança e o adolescente ser um agente ativo e participativo no seu processo de aprendizagem, bem como na sociedade em que está inserido. Através de leituras e da vasta produção acadêmica e estudos sobre o tema, foi possível identificar que os alunos cuja família tem participação ativa na sua vida escolar, tendem a se sobressair tanto nos estudos, como também na vida profissional, sentindo-se motivados e confiantes para realizarem suas atividades e também a ir à escola. A família acaba por ser espelho quanto ao comportamento do aluno em ambiente escolar. Sendo assim, considera-se que cabe às famílias apontarem na direção de propiciar a seus filhos um espaço acolhedor em casa, com familiares que incentivem o seu potencial enquanto estudante, participando da vida escolar.

A relação entre a escola e a sociedade precisa ser alargada na possibilidade de cada lugar, cidade, região ou país. É fundamental que a família esteja igualmente na escola, acompanhando não apenas a reunião de pais como também no cotidiano escolar. Os pais não devem ser convocados somente para tomar conhecimento de como está o rendimento e notas de seu filho na escola, mas também para contribuir com suas experiências para o melhoramento da escola.

Não apenas no Brasil, mas também em outros países é comum a falta de tradição de participação da sociedade na solução dos problemas educacionais. Tal aspecto dificultou a inserção da escola nos grupos sociais a que serve. Deste modo, tanto os conteúdos quanto o tratamento que a eles devem ser dados assumem o papel central, como por meio deles que os propósitos da escola são operacionalizados e alcançados. Observa-se, portanto, que a ausência de uma participação efetiva do grupo social primário sendo assim efetiva e direta no ambiente escolar pode ser danoso tanto para o rendimento escolar do aluno, seu aprendizado e para a sua formação enquanto indivíduo.

Neste contexto, compreendemos então que a real participação da família na aprendizagem dos filhos de fato torna-se uma necessidade imensurável, e que sua ausência estará colaborando para o péssimo rendimento escolar dos seus filhos. Tais fatores nos desafiam cada vez mais a incentivar essa participação efetiva dos pais para com os filhos e que as escolas possam também proporcionar a esses pais momentos sociais com os propósitos de aproximá-los ainda mais das questões pedagógicas da escola, favorecendo assim, o processo de ensino aprendizagem dos seus filhos bem como as relações sociais entre Escola, pais e os educandos.

### Referências

ALVES, J R; BARBOSA, M J. **Ausência dos pais na vida escolar das crianças do ensino fundamental**. 2010. Disponível em:<<https://www.webartigos.com/artigos/a-ausencia-dos-pais-na-vida-escolar-das-criancas-do-ensino-fundamental/55083>>. Acesso em 28 jan. 2022.

ARAÚJO, E. F. **Escola e Família**. 1. Ed. Manaus: Valer, 2010.

BARROS, Célia Silva Guimarães. **Pontos da Psicologia Escolar**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.

BITENCOURT, E. A. M.; MACEDO, M. **Educação: a ausência da família na história da aprendizagem escolar**. 2017. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wpcontent/uploads/2017/02/Elaine-Aparecida-de-Melo-de-Bitencourt.pdf>>. Acesso em 28 de janeiro de 2022.

CASARIN, Nelson Elinton Fonseca. **Família e aprendizagem escolar**. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:L9tlfZzu5ocJ:tede.pucrs>. Acesso em: 28 jan. 2022.

CHARLOT, Bernard. **Globalização e educação**. Texto da Conferência no Fórum Mundial da Educação, 2000. Apud LIBÂNEO, José Carlos. As Teorias Pedagógicas Modernas revisitadas pelo debate contemporâneo na Educação. In: LIBÂNEO, José Carlos; SANTOS, Akiko (org.). Educação na era do conhecimento em rede e Transdisciplinaridade. Campinas: Alínea, 2005, p. 19-62.

DESSEN, M A; POLONIA, A C. **Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola**. Psicologia escolar e educacional, São Paulo, v. 9, n. 2, 2005 Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/pee/v9n2/v9n2a12.pdf](http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n2/v9n2a12.pdf)>. Acesso em 27 jan. 2022.

DESSEN, M. A e POLONIA A. C. **A família e a escola como contexto de desenvolvimento humano**. Paidéia, 2007.

DUARTE, M J N Paiva; FEITOSA, M L O. **Ausência da família no âmbito escolar**. Editora Prottexto. 2010. Disponível em: <<http://www.prottexto.com.br/texto.php?codtexto=2520>>. Acesso em 27 Jan. 2022.

DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z. **Psicologia na Educação**. Ed. Cortez. (1994)

DIAS, L. Carmem. **Curso de Extensão Família e Escola**. Presidente Prudente: Unoeste, 2010.

DURKEIM, Émile. **Educação e sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.  
Fernandes, S. (2002). Departamento de Educação Especial: área da surdez. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>. Acesso em 28 de janeiro de 2022, às 22:10 horas.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.  
<https://www.crescersempre.org.br/papel-dos-pais-na-educacao-dos-filhos>. Acesso em 28 de janeiro de 2022, 18:30.

LA TAILLE, Yves de. **Limites: Três Dimensões Educacionais**. S. Paulo. Editora Ática, 2008.

JARDIM, A. P. **Relação entre Família e Escola: Proposta de Ação no Processo Ensino Aprendizagem**. Presidente Prudente: Unoeste, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas**. Educar, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001.

LIBÂNEO. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2011.

LOURAU, R. **A análise institucional** Petrópolis: Vozes, 1996.

MARQUES, R. (1997). **Educar com os Pais**. Lisboa: Editorial Presença.

MARTÍNEZ, A. M. **O que pode fazer o psicólogo na escola?** Brasília, v. 23, n. 83, p. 39-56, mar. 2010.

OLIVEIRA, Rejane P. **Escola, Desempenho, Família: Relações que se constroem.** Trabalho de Conclusão do curso de Pedagogia da universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

OSORIO, Luiz Carlos. **Família Hoje.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do social.** São Paulo. Plexus Editora Ltda, 1998.

PIAGET, J. **Para onde vai a Educação.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1972-2000.

**PNE -Plano Nacional de Educação - SASE** promove agenda sobre Mobilização Social pela Educação.). Acesso em 26 de janeiro de 2022, às 12:30.

RODRIGUES, A. J. **Metodologia científica: co-autoras** Hortência de Abreu Gonçalves, Maria Balbina de Carvalho Menezes, Maria de Fátima Nascimento. 4. ed., rev., ampl. – Aracaju: Fits, 2011.

SCOTT, W. R. **Institutions and organizations** London: Sage, 1996.

SOARES, J. M. **Família e Escola: Parceiras no Processo Educacional Da Criança.** IESAP. Amapá, 2010.

SOUTO, C. **A explicação sociológica: uma introdução à Sociologia.** São Paulo: EPU, 1985.

SOUSA, M; Sarmiento. T. (2010). **Escola – Família -Comunidade: Uma relação para o sucesso educativo.** Gestão e Desenvolvimento. 17-18. 141-156.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa.** São Paulo: Gente, 1996.

VARANI, A; SILVA, D, C. **A relação família-escola: implicações no desempenho escolar dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 91, n. 229, p. 511-527, set./dez. 2010. Disponível em:<<http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/2889>>. Acesso em 26 Jan. 2022.

VYGOTSKY, L. S. (2003). **Psicologia pedagógica.** Porto Alegre: Artmed.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Imaginação e Criatividade na Infância.** São Paulo: Martins Fontes, 2014.